

O CASTELO DA SERRA DO CARREGAL (MALPICA DO TEJO, CASTELO BRANCO): NOTÍCIA

Francisco Henriques, Mário Chambino, Paulo Félix e João Caninas*

Introdução

No decurso do reconhecimento da segunda edição de uma caminhada para ligar Castelo Branco a Rosmaninhal, promovida pela Associação Raiaeventos (Rosmaninhal), foi encontrado o microtopónimo *Monte da Granja dos Castelos*. Tentou-se alcançar o casario do monte para obter informações acerca do *castelo* que deu nome à unidade agrícola, mas as altas vedações e os portões fechados a cadeado impediram esse intento.

Por experiência, sabemos que nesta região o topónimo *castelo* pode estar associado a um sítio elevado com ocupação antiga e geralmente muralhado. Decidimos por isso procurar os topos da extremidade norte da crista quartzítica (serra de Monforte da Beira) por onde se pretendia fazer passar a referida caminhada. A demanda iniciou-se pela área do marco geodésico *Sancada*, sem sucesso. Passámos para o topo da crista vizinha, imediatamente a noroeste, de acesso facilitado pela presença de um aceiro. No topo foram encontrados vestígios de uma ocupação pré-histórica a que associamos o nome *Castelo da Serra do Carregal*.

Este documento é uma notícia do seu achamento.

Contexto

O sítio do *Castelo da Serra do Carregal* integra administrativa-mente a freguesia de Malpica do Tejo, que pertence ao concelho de Castelo Branco.

* Membros da Associação de Estudos do Alto Tejo e do Projecto Mesopotamos (Povoamento do 5º ao 1º milénio a.C. entre o Tejo e o Zêzere na actual Beira Baixa)

Está implantado sobre a extremidade noroeste de uma crista rochosa com cerca de 8 km de comprimento, que se eleva cerca de 120 m acima de uma extensa superfície aplanada resultante da instalação de depósitos sedimentares. O substrato geológico consiste em rochas da Formação do Quartzito Armoricano, envolvidas por rochas metasedimentares da Formação do Rosmaninhal (metapelitos intercalados de metaconglomerados e metagrauvaques), sobretudo a sudeste. Nas vertentes e sopé da crista rochosa ocorrem coluviões e cascalheiras. Estas formações estão envolvidas por extenso depósito de arenitos intercalados com conglomerados e alguns siltitos (Romão, 2010), a chamada Formação Cabeço do Infante, que ocupa a maior parte do compartimento situado entre os rios Tejo, Ponsul e Aravil.

A topografia do *Castelo da Serra do Carregal* tem correspondência em inúmeras ocupações de altura antigas na região envolvente (Figura 1). Citem-se os casos do Monte de São Martinho (Castelo Branco), distante cerca de 16 km para oeste e bem visível a partir deste lugar, da serra de São Miguel (Nisa), situado cerca de 32 km para sudoeste, e dos *inselberg* graníticos da área de Monsanto, situados cerca de 45 km para nordeste.

Em 1988, a AEAT desenvolveu prospecção arqueológica na área de Malpica do Tejo e de Monforte da Beira em espaços localizados a este, a sul e a sudoeste daquela povoação, não tendo sido possível atingir o extremo norte da serra de Monforte da Beira e área envolvente. Os resultados dessa pesquisa foram publicados no segundo volume da Carta Arqueológica do Tejo Internacional (Henriques, Caninas & Chambino, 1995).

No extremo sul da crista quartzítica, na envolvente do marco geodésico *Castelo*, foi realocizada uma outra ocupação pré-histórica, o chamado *Castelo de Monforte* (Proença Jr., 1910; Vilaça, 1995; Canas, 1999). Na serra de Monforte da Beira foram também identificadas diversas minas antigas (Poço das Vacas Priadas, Mina

do Pó e Mina da Tinta e Feiteira), recentemente reavaliadas no âmbito das actividades do Geopark Naturtejo (Neto de Carvalho, Rodrigues & Canilho, 2011), e várias calçadas.

Na envolvente planáltica foram identificadas sepulturas megalíticas, sítios de *habitat* atribuíveis à Pré-história Recente, grafismos rupestres (ferraduras), sítios com ocupação romana e uma fundição. Na vizinhança norte da serra de Monforte da Beira, no Monte Barata (Corrêa, 1928; Vilaça, 1995) e no Monte do Carregal (Proença Jr., 1910; Coffyn, 1976; Vilaça, 1995) foram achados artefactos em bronze, respectivamente, um machado de talão com uma argola e um machado de talão com duas argolas de gume assimétrico e nervura central. Na área a sul, foram documentados outros achados em bronze (uma lâmina de punhal de lingueta trapezoidal, três braceletes em bronze, um machado de talão unifacial de apêndices laterais), em ouro (um bracelete e dois colares entrançados) e em prata (quatro colares entrançados) (Vasconcelos, 1916, 1920; Savory, 1951; Coffyn, 1976; MNA, 1980; Vilaça, 1995).

O sítio

O sítio arqueológico ocupa uma proeminência situada na extremidade norte da serra de Monforte da Beira de onde se usufrui de um amplo domínio visual em todas as direcções, excepto a sudeste (Figura 2).

A metade superior da elevação encontra-se revestida por vegetação arbórea e arbustiva autóctone (sobreiro, carrasqueiro, esteva e outros arbustos) e a metade inferior está parcialmente ocupada por povoamento florestal (eucalipto). O olival existente na vertente oeste, que foi explorado até data recente, encontra-se envolto em densa vegetação. Fora do aceiro que atravessa o sítio, a cobertura vegetal impede a observação de materiais arqueológicos. No topo ocorrem grandes blocos de quartzito, obstáculo que pode ter desmotivado a

entrada de maquinaria pesada para florestação.

O sítio não tem condições de defesa natural, mas permite um amplo domínio visual sobre o território envolvente, como é comum nos locais de altura ocupados no final da Idade do Bronze. Em torno do topo do cabeço conserva-se extenso cordão de blocos angulosos em quartzito de pequeno, médio e grande tamanho, revestidos com líquenes, formando um circuito elíptico (Figura 3). Nos pontos onde o derrube é menor constata-se que os blocos de maiores dimensões se encontram dispostos na base desta estrutura (Figura 4).

Há alguns anos, foi aberto um corta-fogo ao longo da cumeeada que foi revitalizado em 2016. O revolvimento provocado pela instalação daquela infraestrutura florestal provocou danos no sítio arqueológico tendo exposto diversos fragmentos de cerâmica, um fragmento de movente de moinho manual, em granito, e fragmentos disformes de argila cozida, provavelmente utilizada para revestimento de cabanas. Os materiais cerâmicos têm características heterogéneas, ocorrendo pastas de cor cinzenta, cinzenta-escura e castanha clara, rica em mica e outros elementos não plásticos, incluindo um pequeno fragmento aparentemente brunido, e fragmentos de cor vermelha, incluindo materiais de construção e outros com vestígios de roda de oleiro.

As características do sítio arqueológico (estruturas e materiais) e da sua implantação sugerem uma ocupação que remontará ao final da Idade do Bronze, embora com a presença de materiais mais recentes, que se podem atribuir a época romana.

Considerações finais

Com esta notícia, pretendemos contribuir para a identificação de mais um sítio com manifesto interesse científico para o conhecimento da ocupação do território da actual Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa desde a Pré-História Recente.

A presença de uma estrutura muralhada na extremidade norte da serra de Monforte da Beira, acompanhada de idêntica realidade no lado sul, reitera um modelo de ocupação acastelada de pontos elevados deste território a partir do final da Pré-História Recente.

O interesse deste sítio é reforçado pelo contexto local, evidenciado por um conjunto diversificado de ocorrências arqueológicas, nomeadamente, sítios de habitat, vestígios de actividades mineiras e metalúrgicas e achados metálicos.

Importa, ainda, garantir a salvaguarda deste sítio arqueológico junto das autoridades locais e das entidades de tutela, procurando minimizar, em particular, os efeitos negativos das actividades florestais.

Desse modo, será possível aprofundar o conhecimento científico acerca da história antiga de Malpica do Tejo e de Monforte da Beira e proporcionar uma oportunidade de valorização dos seus recursos culturais numa óptica de desenvolvimento sustentável.

BIBLIOGRAFIA

- CANAS, N. (1999) O castro de Monforte da Beira (Castelo Branco). *Estudos Pré-Históricos*, 7. Viseu: 303-305.
- COFFYN, A. (1976) *L'Âge du Bronze au Musée de F. Tavares de Proença Júnior. Castelo Branco*.
- CORRÊA, A. A. M. (1928) A Lusitânia préromana. *História de Portugal (Edição Monumental)*, 1. Portucalense Editora. Barcelos: 79-214.
- DELFINO, D.; OOSTERBEEK, L.; COIMBRA, F.; BAPTISTA, J. C.; GOMES, H.; BELTRAME, M.; CURA, P. (2013) *A Proto-História no concelho de Mação: novas investigações, novas abordagens, novos dados*. Arkeos, 34. Tomar: 181-193.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J. & CHAMBINO, M. (1995) Carta arqueológica do Tejo Internacional, 2. *Preservação*, 14-16. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.
- MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (1980) *Tesouros da Arqueologia Portuguesa*. Lisboa.
- NETO DE CARVALHO, C.; RODRIGUES, J. & CANILHO, S. (2011) Património geológico e geomineiro de Monforte da Beira (Castelo Branco): Caracterização do percurso pedestre “Caminhos do Ferro de Monforte”. *Açafa on line*, 4. Associação de Estudos do Alto Tejo. http://www.altotejo.org/acafa/docsn4/Patrimonio_Geologico_e_Geomineiro_de_Monforte_da_Beira.pdf. Vila Velha de Ródão: 32 p.
- PROENÇA JR, F. T. (1910) *Archeologia do Districto de Castello Branco*. Tipografia Leiriense, Leiria: 25 p.

- ROMÃO, J., coord. (2010) Notícia explicativa das folhas 25C (Rosmaninhal), 25D (Segura) e 29A (Retorta-sector norte) da Carta Geológica de Portugal. Laboratório de Geologia e Minas – Unidade de Investigação de Geologia e Cartografia Geológica. Lisboa.
- SAVORY, H. N. (1951) A Idade do Bronze atlântico no Sudoeste da Europa. *Revista de Guimarães*. Guimarães, 61(34). Guimarães: 323-377.
- VASCONCELLOS, J. L. (1916) Pela Beira. Palavras Prévias de Lisboa a Castelo Branco. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, 21 (1ª série). Lisboa: 293-344.
- VASCONCELLOS, J. L. (1920) Estudos sobre a Época do Ferro em Portugal. *O Arqueólogo Português*, 24 (1ª série). Lisboa: 99-110.
- VILAÇA, R. (1995) Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze. *Trabalhos de Arqueologia*, 9. Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. Lisboa.

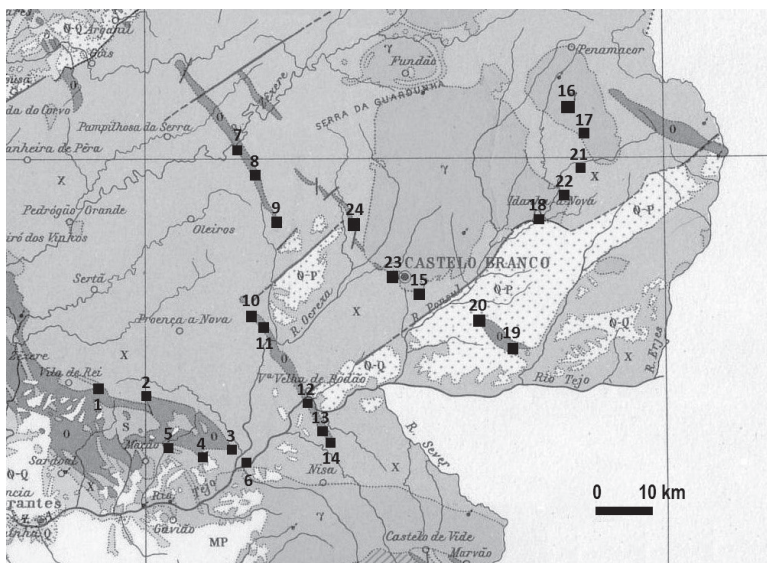


Figura 1. Ocupações pré-históricas de altura na região envolvente do Castelo da Serra do Carregal (fontes: AEAT, Geopark Naturtejo, Proença Jr, 1910; Vilaça, 1995; Delfino et al., 2013; Carta Geológica de Portugal, Serviços Geológicos de Portugal, 1968): (1) Castelo da Amêndoa; (2) Castelo do Santo; (3) Castelo Velho da Zimbreira; (4) Castelo Velho de Vale de Grou; (5) Castelo Velho do Caratão. Em Vila Velha de Ródão: (6) Castelejo de Gardete. Em Oleiros: (7) Orvalho; (8) Portelo; (9) Picoto. Em Proença-a-Nova: (10) Catraia Cimeira; (11) Chão de Galego. Em Nisa: (12) Portas de Ródão; (13) Galiana; (14) São Simão. Em Castelo Branco: (15) Monte de São Martinho;

(19) Castelo de Monforte; (20) Castelo da Serra do Carregal; (23) Castelo de Castelo Branco; (24) Salgueiro do Campo. Em Idanha-a-Nova: (16) Alegrios e Moreinha; (17) Monsanto; (18) Castelo de Idanha-a-Nova; (21) Castelo dos Mouros; (22) Monte do Trigo.

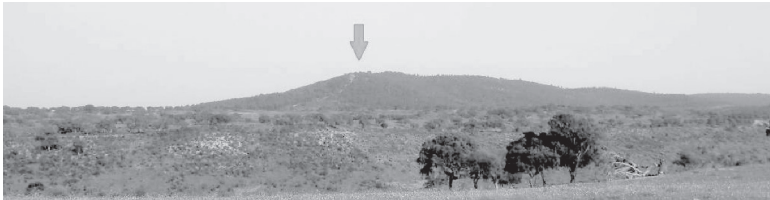


Figura 2. Vista de noroeste da posição do *Castelo da Serra do Carregal*.

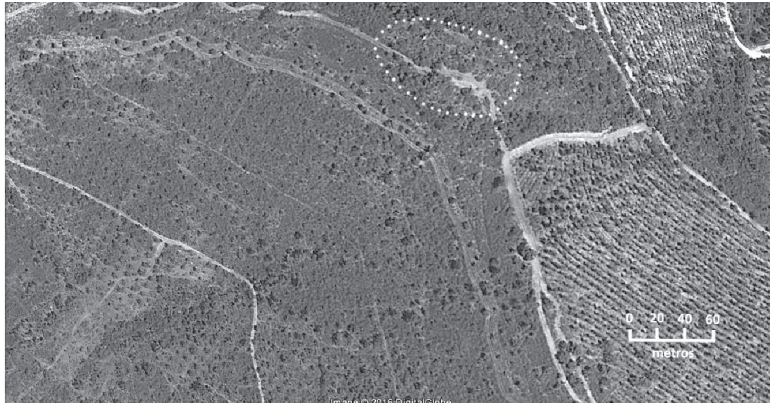


Figura 3. Circuito da muralha do *Castelo da Serra do Carregal* sobre Google Earth.



Figura 4. Vista de derrube de muralha do *Castelo da Serra do Carregal*.